VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

NOS ACORDES LITERÁRIOS DO *NÓS E ELIS*: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIABILIDADES EM TERESINA, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Raimundo Nonato Lima dos Santos*

Os labirintos de Clio podem assustar os pesquisadores mais afoitos, ansiosos por encontrar a suposta *pedra filosofal* que revelaria todos os segredos do passado. O susto se dá porque os caminhos são tortuosos e também porque a cada passo pode se encontrar um *elo perdido* ou o *vagar dos tempos*, que distancia ainda mais da saída que levaria à fonte dos desejos históricos. Portanto, é preciso cautela. Nestas caminhadas pode-se encontrar de tudo, até mesmo um bar nestas esquinas da vida. Neste caso o teu *foco nos estudos* pode afirmar enfaticamente "segue em frente, não desvie teu olhar de tuas metas, não faça digressões, não se deixe levar pelo canto da sereia". No nosso caso, o som do canto da sereia foi mais alto, não nos permitindo ouvir a *voz da razão*. Resultado: paramos um instante para molhar a goela, bater a poeira dos pés e depois seguir em frente. Mas algo diferente aconteceu. Tudo naquele bar era intrigante. A começar pelo nome "Nós & Elis". Passamos então a bebericar a cajuína, no intuito de passar mais tempo naquele lugar e assim, podermos realizar nossa flanerie com mais calma. O que ficou mais evidente em

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Mestre em História do Brasil – UFPI. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: cidade, identidade, memória, educação e história republicana brasileira. Atualmente desenvolve pesquisas no campo temático "História das Cidades" para o Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na qual estuda as sociabilidades urbanas em espaços culturais da cidade de Teresina-PI, no período de 1984 a 1994. E-mail: raimundolima2011@ufpi.edu.br / robsonlim@ig.com.br

nosso olhar panóptico foi a aura que envolvia aquele espaço de entretenimento. Percebemos então que em sua construção não havia apenas madeira e pedra. Na sua argamassa havia também sonhos, amores, desilusões – regados constantemente ao som inebriante de acordes literários. Essas descobertas funcionaram como um combustível que nos motivou a desviar do caminho que nos levaria a mais uma *histoire événementielle* e a seguir o caminho de uma nova história cultural aberta à análise das representações e ao diálogo entre História, memória e ficção.

Diante deste prólogo, adiantamos que nosso desejo é que se sinta o doce enlevo de frequentar este bar – imaginariamente, transcendendo as fronteiras entre o real e o fictício e/ou percebendo a linha tênue que os separa – inebriando-se com as sensibilidades que o envolvem, mas sem perder o olhar crítico, tão caro aos estudos históricos.

Assim, será perceptível nestas poucas linhas narrativas, o esforço intelectual de nossa incipiente pesquisa[1] que visa à articulação entre história e memória (BURKE, 1992), por meio da análise de textos poéticos que representam liricamente personagens e vivências no bar Nós e Elis, nas décadas de 1980 e 1990, na cidade de Teresina, capital do Piauí. Quando falamos em *textos poéticos* não queremos nos reportar à sua escrita habitual em forma de versos, mas ao lirismo de narrativas sobre o referido bar. Teremos como mote os textos de Edvaldo Nascimento, Climério Ferreira, William Melo Soares e Ico Almendra[2] que serão desenvolvidos a partir do diálogo com outras fontes bibliográficas, orais (registros memorialísticos) e hemerográficas.

O BAR NÓS & ELIS

A tua presença
me deixa assim legal
quando eu me lembro
da Universidade
quando a rapaziada

[1] Esse artigo constitui-se como um esboço da nossa tese de doutoramento intitulada "Cidade e cultura: sociabilidades e sensibilidades em espaços culturais de Teresina (1984-1994)" que estamos desenvolvendo na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

[2] Esses textos foram encontrados em um livro intitulado *No Nós & Elis: A gente era feliz – e sabia*, organizado por Joca Oeiras (2010). O livro reúne narrativas memorialísticas de alguns frequentadores do bar Nós & Elis. Portanto, faremos uso não apenas dos textos dos autores citados, mas também dos demais 32 (trinta e dois) frequentadores do bar que assinam o referido livro.

discutia
a conjuntura nacional.
Eu e você trocando
mil beijinhos
no meio da greve geral
meu amor a UNE nos uniu
meu amor a UNE nos uniu
e fomos pro motel
e fomos pro motel
eu te fiz poemas e carícias
eu te fiz poemas e carícias
e você cheia de malícia
e você cheia de malícia
cobriu meu corpo do mel. (OEIRAS, 2010. p. 75).

O texto acima é a letra da música "Se saia" do cantor piauiense Edvaldo Nascimento. O humorista João Claudio Moreno (2010) acredita que esta música teria sido composta em uma das mesas do bar Nós & Elis, talvez em um guardanapo de papel enquanto degustava uma moela ao molho e entre um gole e outro de cerveja. Para este humorista, os acordes desse exemplar do rock piauiense "[...] era quase um emblema da nossa geração universitária. [...] Era uma música linda! A gente flutuava quando ele cantava com sua guitarra verde." (MORENO, 2010, p. 74-75).

Não tivemos acesso ao fonograma desta música, portanto, nos reportaremos à sua letra. Esta por sua vez discute temas universais como o amor, a política e o sexo. Apesar dessa universalidade podemos situar espacial e historicamente as discussões ali contidas. O então jovem roqueiro piauiense, Edvaldo Nascimento, transcendendo as fronteiras entre o real e o fictício, registrou naquela letra o cotidiano que ele e sua turma vivenciavam na cidade de Teresina, nas décadas de 1980 e 1990. A começar pela garota que ele se refere podendo tratar-se de sua atual esposa Edna Nascimento que ele conheceu no bar Nós & Elis e, desde 1987 vivem casados.

Edvaldo Nascimento cantou o cotidiano dos universitários da Universidade Federal do Piauí, que depois das aulas iam discutir política no bar Nós & Elis, esquematizando as ações do Movimento Estudantil local em conformidade com a UNE (União Nacional dos Estudantes).

Nessas discussões havia a interação de pessoas de diferentes cursos que por meio da afinidade política – geralmente tendendo para as esquerdas – abriam espaço para outras afinidades, gerando encontros e desencontros amorosos que iam de simples beijos, trocados ali mesmo, na parte escura do bar, próximo dos banheiros, até a prática sexual que em alguns casos começava com as "rapidinhas", na Praça Gerardo Vasconcelos Filho, que ficava localizada nos fundos do bar, e depois seguiam (aqueles que tinham transporte próprio ou condições de pagar um táxi) para os motéis do Centro da cidade ou na Avenida Boa Esperança, beirando o rio Parnaíba[3].

O bar Nós & Elis ficava localizado no bairro Fátima, próximo à Universidade Federal do Piauí, em frente à atual ADUFPI (Associação dos Docentes da Universidade Federal do Piauí), na Avenida Petrônio Portela (atualmente foi renomeada para Avenida Universitária), fazendo esquina com a Rua Professora Marieta Pedreira Martins (também conhecida como Rua Agostinho Alves). Ocupava a ponta de esquina de um estreito quarteirão, tendo ao fundo a Rua Afonso Moura e a Praça Gerardo Vasconcelos Filho que funcionava como uma espécie de extensão do bar.

O bar Nós & Elis funcionou durante dez anos (1984-1994), tendo sido inaugurado no dia 25 de abril de 1984. No mesmo dia em que fora votada a emenda Dante de Oliveira que versava sobre o retorno das eleições diretas para Presidente da República no Brasil. Ou seja, fora uma data muito importante para todo o Brasil, uma vez que, o país amargava uma Ditadura Civil-Militar que já durava mais de vinte anos.

De acordo com a leitura que fizemos do livro memorialístico organizado por Joca Oeiras (2010), percebemos que muitos frequentadores do referido bar – que também são autores deste livro coletivo – fizeram uma descrição física e sentimental deste espaço da boemia da zona leste de Teresina. Esta foi a maneira que eles encontraram, num acordo tácito, para recordar e registrar o passado. Escreveram suas memórias selecionando aquilo que comporia um panorama sentimental do bar Nós & Elis, no intuito de transmitir aos seus contemporâneos e/ou às gerações futuras uma suposta convergência de sentimentos que acometeria todos os frequentadores deste bar (BURKE, 1992).

Segundo estes frequentadores, o bar ocupava uma área pequena, numa ponta de esquina, onde não havia paredes na parte da frente e nem na lateral direita. Havia uma pequena área coberta em frente ao palco, onde muitos se apertavam (só sentava nesta área

[3] Jornal O Dia, Ano XXXII, nº 5.619, Teresina, terça, 03 jan. 1984, p. 11.

quem chegasse cedo), principalmente em dias de chuva. Atrás dessa área coberta ficavam pessoas em pé, alguns encostados nos carros que ficavam estacionados na calçada, na parte da frente. Estes ficavam na espreita e logo quando uma mesa era liberada, tratavam de ocupá-la rapidamente. Era uma disputa tácita, ganhava quem chegasse mais rápido à mesa desocupada. Na lateral esquerda, próxima aos banheiros ficava uma área pouco iluminada. A penumbra proporcionava o ambiente ideal para os casais, para os flertes e/ou para os encontros furtivos. Os banheiros ficavam localizados na lateral esquerda do palco e eram divididos por sexo, tal fato era uma raridade nos bares e restaurantes da capital piauiense. O palco era de madeira com frestas que incomodavam muitos músicos, pois lá caíram muitas palhetas e outros acessórios dos equipamentos musicais enquanto se apresentavam. Incomodavam também particularmente as cantoras, pois quando iam se apresentar de sapato salto alto, geralmente enganchavam nessas fendas, causando desequilíbrio e constrangimento.

Havia um lago artificial localizado estrategicamente próximo ao balcão do bar para evitar calotes de clientes que "esqueciam" de pagar a conta. No entanto, a função precípua deste lago, logo fora resignificada por fatos pitorescos que devido a sua constância, tornaram-se rotina hilariante do bar, ou seja, muitos clientes bêbados que por ali trafegavam, escorregavam e caiam dentro do lago. Tal fato causou expectativa aos frequentadores mais assíduos, sedentos por uma boa risada, virando motivo de chacota por estes, que passaram a chamar aquele lago de bebódromo (nome dado pelo músico Netinho da Flauta). Podemos considerar então que a *estratégia* utilizada pelo proprietário do bar fora resignificada pelas *táticas* dos *sujeitos ordinários* que consumiam aquele espaço boêmio, de uma forma particular, subvertendo a ordem vigente que tinha apenas o intuito de condicionar os passos dos clientes de modo que eles não fossem embora sem antes passar pelo balcão e consequente pagar a conta (CERTEAU, 2008).

O balcão do bar, na parte interna, era o espaço preferido de alguns fregueses mais assíduos, pois lá podiam ser atendidos diretamente pelo proprietário, o que lhes rendia uma boa conversa, uma rápida prestação de serviços e também isentava-os de pagar os 10% dos garçons. Neste espaço, também havia uma janela que dava acesso à rua lateral, que ficou conhecido pelos frequentadores como "Cantinho da cachaça", pois ali, no balcão, ficava um barril de cachaça Mangueira, "disponível" para degustação dos paladares livres de preconceito. Atrás do balcão ficava um depósito de bebidas e a cozinha. O bar servia variadas bebidas, como cervejas, caipirinha, cuba libre, vinhos,

licores, vodcas, conhaques e cachaça. Como se pode ver atendia desde os paladares mais "refinados" aos mais populares. Na parte da comida o cardápio também era variado. A moela ao molho era o prato preferido dos frequentadores, um protagonista daquele enredo gastronômico que era acompanhado dos coadjuvantes: frango a passarinho, patinha de caranguejo, caranguejo ensopado, carne de sol com fritas, caldinho de feijão, torresmos, dobradinhas, tripinhas, entre outros.

Ressaltamos que essa festa gastronômica não era apreciada por todos os frequentadores do bar. Alguns mais radicais ou mais sinceros, como Zezé Fonteles[4] chegaram a afirmar enfaticamente – lembrando o que foi esquecido e/ou silenciado – que "[...] as coisas nunca foram perfeitas no Nós. Ora era o banheiro masculino que entupia, e um cheiro (tudo, menos bom!) invadia o salão e o palco. Ora era a cozinheira que não era boa e as comidas eram intragáveis..." (FONTELES, 2010. p. 165).

As lembranças de Zezé Fonteles destoam de todos os outros 35 autores que assinaram o livro memorialístico organizado por Joca Oeiras (2010). Fica evidente, portanto, que havia um desejo de enquadrar a memória do bar Nós & Elis (não compartilhado por Zezé Fonteles, por motivos ainda a serem investigados), selecionando aspectos positivos e silenciando os fatos que pudessem prejudicar a construção da ideia de um *bar mágico* como fora dito pela cantora Patrícia Mellodi, que teve sua carreira iniciada nesse espaço boêmio (HALBWACHS, 2006; POLLAK,1992; 1989).

No estudo da Memória, os pensadores franceses Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pollak (1992) – cujas reflexões são bastante comuns em muitos trabalhos acadêmicos que discutem a memória – pregam a seletividade de toda memória e também insinuam um processo de *negociação* para conciliar memória coletiva e memórias individuais, as quais estão intimamente ligadas, ou seja, apesar das inúmeras versões sobre um mesmo fato nas memórias individuais (a exemplo da visão da cantora Zezé Fonteles sobre o bar Nós & Elis que destoa de todos os demais frequentadores que registraram suas memórias no livro organizado por Joca Oeiras), são os seus pontos comuns que formam a memória coletiva. Às vezes, essa memória coletiva se cristaliza de uma forma que as futuras gerações podem apenas se enquadrar na que encontram vigentes.

[4] A cantora Zezé Fonteles fez várias apresentações no bar Nós & Elis e, juntamente com sua irmã Ana Fonteles, administrou esse bar no período de 1989 a 1991.

OS PERSONAGENS

Era impossível a qualquer cristão
resistir ao astral desarmado
alegre e sincero de Netinho da Flauta
ele é o que se seguia ao som estridente
e encantador do instrumento
embalando seus longos cabelos ao vento
naquele seu andar sem destino prévio. (FERREIRA, 2010. p. 27).

Nos pés o chão das estradas
Nos olhos o brilho da vida
Os paparicos em Carminha
Fina flor da melodia

Vem de longe um som de flauta
Dentro da noite vadia
Livre como um passarinho
Um mensageiro do bem
Viajou no som da flauta
Rumo aos confins do além (SOARES, 2010. p. 163).

Os poemas acima se referem a um dos personagens mais emblemáticos do Nós & Elis – o flautista Netinho da Flauta. Os poetas Climério Ferreira e William Melo Soares conheceram e conviveram com esse instrumentista na cidade de Teresina e, principalmente, nas noitadas do Nós & Elis. No lirismo dos versos desses poetas o que se percebe é uma exaltação das qualidades desse músico, seu carisma, seu comportamento andarilho e livre de preconceitos, sua simplicidade, sua parceria com a flauta – por ele apelidada de "Carminha" – que se constituía como uma extensão de sua existência. Climério Ferreira se reporta a Netinho conjugando-o no tempo pretérito, ao que ele foi e não é mais. Para quem não conheceu a trajetória desse instrumentista fica a dúvida em relação ao que aconteceu com ele depois *do tempo do Nós & Elis*. Mas William Melo Soares deixa claro que ele partiu, numa viagem sem volta, pois "Viajou no som da flauta/ Rumo aos confins do além".

Netinho fora um músico autodidata, oriundo da cidade de São João do Piauí. Seu talento nato e seu espírito aventureiro deram o impulso necessário para que ele viajasse o Brasil inteiro fazendo shows e parcerias com artistas reconhecidos nacionalmente como Xangai, Elomar e Vital Farias, entre outros. Em Teresina participou do Grupo Candeia e do Grupo Varanda, fazendo apresentações por toda a cidade tanto em espaços alternativos como em praças, penitenciárias, botecos, na casa de amigos, quanto em espaços oficiais como o Theatro 4 de Setembro e o bar Nós & Elis. Faleceu ainda jovem, no dia 22 de março de 2002, decorrente de problemas cerebrais e, acompanhado de uma trágica coincidência – seu pai havia morrido há 15 dias e, nesse mesmo ano morrera Elias Ximenes do Prado Júnior, proprietário do bar Nós & Elis, seu principal local de refúgio quando estava em Teresina (BRANDÃO, 2010).

Netinho da Flauta deixara sua marca no Nós & Elis com o lirismo de sua flauta e de sua vida alegre e andarilha. Nas crônicas contidas no livro organizado por Joca Oeiras (2010), foram citados muitos outros frequentadores deste bar que também deixaram sua marca e foram marcados por esse espaço cultural da zona leste de Teresina. Sobre esses personagens do bar Nós & Elis, compartilhamos das palavras de Joca Oeiras (2010, p. 167) quando disse que "Todos os frequentadores, habituais ou não, do Nós & Elis, com certeza têm uma ou outra história para contar e acrescentar".

Foram muitos personagens, mas com certeza, Elias Ximenes do Prado Júnior fora o principal representante do bar Nós & Elis. O bar fora pensado em seus mínimos detalhes por seu proprietário, desde a arquitetura, às comidas e bebidas a serem servidas, ao repertório musical que seria predominante – MPB – deixado claro no próprio título do bar que homenageava Elis Regina, uma das divas da Música Popular Brasileira.

De acordo com a análise das memórias contidas no livro de Joca Oeiras (2010), percebemos que a principal marca de Elias Prado Júnior impressa no Nós & Elis fora a simpatia que ele dispensava a todos os frequentadores deste bar e a valorização aos artistas locais. Isto é, independente do pouco ou muito consumo o Elias Prado Júnior tratava com o mesmo respeito os seus clientes e chegava a recebê-los na "porta" do bar com um sorriso no rosto e um copo de conhaque na mão e também fazia questão de passar de mesa em mesa cumprimentando as pessoas e conversando sobre todos os assuntos, especialmente política que era o seu forte.

Essa simpatia de Elias Prado Júnior também era dispensada aos músicos que se apresentavam em seu bar. Ele fora um dos primeiros donos de bares de Teresina a pagar

o cachê aos músicos locais. Com essa prática ele incentivou a profissionalização dos músicos teresinenses, uma vez que exigia uma qualidade estética autoral, conferindo pessoalmente a lista de canções dos músicos antes das apresentações, não aceitando músicas "fáceis" (sem apuro estético nas letras e melodias) e ainda recomendava que não se aceitasse o pedido de músicas. Isto é, fazia questão de que o público conhecesse e valorizasse o repertório de cada artista. O próprio Elias Prado Júnior era o primeiro a dar o exemplo, abrindo o espaço de seu bar para que os músicos teresinenses apresentassem suas canções autorais – prática essa muita rara em Teresina nos anos 1980 e 1990, nos espaços privados (bares, restaurantes e clubes) que ofertavam música ao público – e ainda pagava cachê dobrado em situações de emergência, como nos casos em que o artista, que seria a atração de uma determinada noite, faltava por motivo de doença e ele tinha que contratar outro de última hora (NETO, 2010).

A CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Sou do tempo do Nós & Elis
Com tanta música e pureza [...]
De quando para se aprender acordes
Se olhava para a mão esquerda do Geraldo
A cidade era realmente verde
Mas sempre teve o blues do Edvaldo
De músicos tão raros
Como André Luiz e Zezinho Piau
Roraima, Boy e Jabuti
E outros tantos etc. e tal
Das gincanas do Colégio Andreas
Feitas perto do fim do ano
E das acirradas disputas
Contra o Colégio Diocesano
Quando o prédio mais alto que havia
Era o do Ministério da Fazenda [...]
De quando a gente ainda conseguia
Andar pelos calçadões do centro
E todos os bares da cidade
Ficavam abertos noite adentro
Do tempo do Festival Setembro Rock

Em pleno Centro de Artesanato [...]
A cidade ainda era pequena
Era fácil andar por aqui
Eu sei, se passaram os anos
Pois sou do tempo do Nós & Elis
Mas, com certeza, não me engano
Naquele tempo eu era feliz (ALMENDRA, 2010. p. 57-59).

O músico e compositor piauiense Ico Almendra escreveu o poema acima – *Do tempo do Nós & Elis* – em São Paulo, em 11 de outubro de 2008 a convite de Joca Oeiras no intuito de homenagear o bar Nós & Elis. Esse discípulo de Euterpe fez parte da banda de rock pesado Avalon, que fez muito sucesso em Teresina nos anos 1980.

Em meio ao ativismo juvenil da banda Avalon, preocupada com questões sociais, econômicas, políticas e ecológicas, Ico Almendra e seu grupo de amigos ligados ao rock frequentavam o bar Nós & Elis para recarregar as energias e preparar novos planos de ação. Suas ações políticas se expressavam principalmente por meio da música. Portanto, o bar Nós & Elis com sua ambientação essencialmente musical tornou-se o espaço por excelência para o encontro de músicos, compositores e intérpretes de Teresina.

Esse aguçado olhar de Ico Almendra – bem como de outros muitos frequentadores do bar Nós & Elis – sobre o contexto histórico local e nacional em que vivia nos anos 1980 e 1990, está representado sinteticamente no poema acima citado. Percebemos então, que à maneira de um flâneur (BENJAMIN, 1989) – que se desloca andarilhamente pelas ruas e bulevares, observando minuciosamente os traçados urbanos, as gentes e os gestos – o referido artista fez, neste poema, uma descrição memorialística do contexto histórico local teresinense "do tempo do Nós & Elis" destacando os músicos, como Geraldo Brito, Edvaldo Nascimento, André Luiz, Zezinho Piau, Roraima, Emerson Boy e Jabuti. Estes músicos representavam o que havia de melhor no cenário musical teresinense e se apresentavam em toda cidade, como no Thetaro 4 de Setembro e no bar Nós & Elis.

O referido poema também destaca a incipiente verticalização – "Quando o prédio mais alto que havia/ Era o do Ministério da Fazenda [no centro de Teresina]" – e o verde da cidade nos anos 1980 e 1990, que na sua visão estava coerente com o apelido de "cidade verde" dado pelo literato maranhense Coelho Neto à capital do Piauí. Isto é, atualmente esse apelido não faria sentido devido aos constantes desmatamentos sofridos

pela cidade para ceder lugar a uma "selva de pedras" com a construção de prédios residenciais, comerciais e industriais.

Esse processo de urbanização de Teresina se intensificou já no final dos anos 1970 com a criação de 11 (onze) conjuntos habitacionais destacando-se o Dirceu Arcoverde (1977) e o Saci (1979), possuindo respectivamente 3.040 e 2.034 unidades, em meio a uma população de 220.487 habitantes, sendo 82, 12% na zona urbana. Na década de 1980 há um crescimento demográfico na capital piauiense que passa a ter 377.174 habitantes – residindo 89% na zona urbana – distribuídos por toda cidade, como nos novos 24 conjuntos habitacionais construídos (FAÇANHA, 2003). Já a verticalização teresinense tem seus começos nos anos 1960 com a construção de alguns edifícios públicos, sendo que nos anos 1970 e 1980 esse processo se intensifica, obtendo sua consolidação na década de 1990. O prédio do Ministério da Fazenda, citado por Ico Almendra, foi construído no início dos anos 1970 pelo arquiteto mineiro Antonio Luiz Dutra de Araújo que procurou produzir um edifício modernista, com uso de materiais neutros, como o vidro, para se integrar à paisagem das praças Rio Branco e Marechal Deodoro, cujas construções que as envolviam seguiam o estilo neoclássico, podendo assim ser refletidas nas paredes de vidro do referido prédio (SILVA, s/d).

Outros aspectos destacados no poema de Ico Almendra foram as gincanas de colégios particulares como o Andreas Versalius (localizado no bairro São Cristovão, na Zona Leste) e o Diocesano (escola confessional católica localizada no Centro, em frente à Praça Saraiva); o fato de que os bares podiam ficar abertos a noite toda, pois não havia leis restritivas de horários como ocorre atualmente em Teresina[5]; e o centro comercial com seus poucos camelôs ocupando as ruas.

Na década de 1980 houve uma descentralização do comércio em Teresina. As atividades econômicas nesse setor se espalharam por toda a urbe ocasionando uma revalorização da área central e o surgimento de corredores comerciais em grandes avenidas. Um exemplo desse novo processo espacial foi a instalação de pequenos shoppings centers nas proximidades das avenidas Nossa Senhora de Fátima e do balão do bairro São Cristovão (FAÇANHA, 2003).

[5] Com a lei "Boa Noite, Teresina" bares, restaurantes, boates e casas de shows, que funcionam no período noturno da capital, são obrigados a fechar as portas até às 2h da manhã de domingo a quinta. Sexta, sábado e véspera de feriado, até às 3h. Natal, reveillon e carnaval, o funcionamento é liberado.

Na década de 1990 os setores de comércio e serviços continuaram dinamizando a economia local, bem como foram impulsionados pela instalação de grandes empreendimentos comerciais – os dois shoppings da cidade, Riverside Walk (1995) e Teresina Shopping (1996) – na Avenida Cajuína, beirando o rio Poti, na Zona Leste. A instalação desses shoppings centers nesta parte da cidade redefiniu os fluxos urbanos, criou novas centralidades e alterou o *ethos urbano* do teresinense em meio à intensificação das desigualdades sociais e espaciais (FAÇANHA, 2003).

Um último ponto que queremos ressaltar no poema de Ico Almendra foi sua referência aos festivais de rock realizados no Centro de Artesanato como o *Setembro Rock*. Esse festival se desenvolveu na década de 1980, tendo iniciado em 1983 com a proposta de contribuir para o crescimento do movimento rock de Teresina. O rock, estilo musical oriundo dos Estados Unidos, se inseriu no Brasil adaptando-se às peculiaridades estéticas deste país. Assim, o rock brasileiro recebeu influências de variadas estéticas musicais, como da MPB e do Jazz.

Em Teresina foram realizados grandes festivais de música, na década de 1980[6] tendo como foco a MPB e a composição autoral. Paralelo a esses eventos competitivos, o bairro Vermelha foi palco de dois festivais – o Tri-Lance e o Setembro Rock – que não se caracterizaram pela disputa de seus participantes, mas sim pelo entrelaçamento de variadas estéticas musicais e pelas trocas de experiências.

Importante destacar o fato de que muitos desses artistas participantes dos festivais – competitivos e não competitivos – e também o público, frequentavam o bar Nós & Elis, geralmente depois desses eventos, seja para se apresentar e/ou para curtir a noite na Zona Leste teresinense, a exemplo de Geraldo Brito, Durvalino Couto Filho, Edvaldo Nascimento, Climério Ferreira, Ico Almendra, entre outros.

[6] Desses eventos destacamos o *1º Festival de Música Popular Brasileira do Estado do Piauí – FMBEPI*, realizado no Ginásio de Esportes Dirceu Mendes Arcoverde, mais conhecido como "Verdão", em agosto de 1980, por iniciativa da TV Rádio Clube de Teresina em parceria com o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Teresina; o *I Encontro de Compositores e Interpretes do Piauí*, realizado também no Verdão, entre os dias 21, 22 e 25 de setembro de 1984, organizado pela Secretaria de Cultura do Estado do Piauí e o *I Festival Nordestino de Música Popular no Piauí – FENEMP* – organizado pela Universidade Federal do Piauí, por meio da CAC (Coordenação de Assuntos Culturais) e pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, realizado em três dias, no final do mês de maio de 1988 no Verdão (MEDEIROS, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber o Nós & Elis não era apenas mais um bar da cidade. Ele chamava atenção. Os atos ali realizados e em seu entorno (na praça ao lado) não agradavam uma parcela dos moradores da região que chegaram a fazer um protesto contra as ações do bar. No entanto, o que predominou na cidade, foi uma imagem positiva deste espaço cultural que agradava muito aos seus consumidores. Imagem esta difundida por seus frequentadores que eram em sua maioria artistas da música, da literatura, do teatro e das artes plásticas.

Ao longo de seus dez anos (1984-1994) o Nós & Elis foi configurando-se como o principal ponto de articulação dos espaços culturais de Teresina e também se tornou um ponto turístico para as pessoas que iam visitar a cidade, principalmente artistas que se apresentavam em turnê no Theatro 4 de Setembro.

O bar Nós e Elis fechou em 1994, deixando de ser *visível* em sua materialidade – atualmente funciona uma panificadora no local, com uma nova arquitetura – e passando a ser *sensível, imaginário* (PESAVENTO, 2007), constituindo-se como um dos *fantasmas urbanos* (CERTEAU, 2008) da capital do Piauí, um *lugar de memória* (NORA, 1984) que reabre simbolicamente suas portas para atividades musicais, cênicas, literárias, coloquiais, etílicas, degustativas, flertativas e extraconjugais por meio do exercício de lembrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

ALMENDRA, Ico. Do tempo do Nós & Elis In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 57-59

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo. In: **Obras escolhidas**. – vol. III – São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 33-65.

BURKE, Peter. **O mundo como teatro:** estudos de Antropologia histórica. São Paulo: Difel,1992. p. 15-26, p. 235-251.

BRANDÃO, Luís. O silêncio da "Carminha". In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 89-90

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 169-191.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. A evolução urbana de Teresina: passado, presente e... In: **Carta CEPRO**, Teresina, v.22, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 2003.

FERREIRA, Climério. Tributo a um parceiro. In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 27

FONTELES, Zezé. Nós & Lendas & Mitos & Elis. In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 165

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Acordes na cidade:** Música Popular em Teresina nos anos 1980. Teresina: UFPI, 2013. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Piauí)

MORENO, João Cláudio. Sei que fui de ônibus. In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 65-67

NETO, Cruz. Um anjo no bar. In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 29

NORA, Pierre (1981), Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto história:** *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, pp. 7-28. Disponível em: http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf. [consultado em: 19-07-2012]

OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis:** a gente era feliz – e sabia. Teresina: Gráfica Halley, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de Junho de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo >. Acesso em 24 de abril de 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SILVA, Joene Saibrosa da. **O modernismo arquitetônico em Teresina (PI):** A contribuição do arquiteto Antonio Luiz Dutra. Disponível em http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Joene%20Saibrosa%20da%20Silva.pdf Acesso em 23/11/2014.